

COTIDIANO¹ - Intervenções na Trensurb / Porto Alegre/RS

Para todos os olhares, sem pedir passagem

Blanca Brites *

O encontro

Em uma manhã que prenunciava a primavera, encontrei Leandro Selister no exato momento em que, a passos rápidos, e sem poder parar, olhar ou falar, dirigia-se a uma agência dos Correios para enviar seu projeto de trabalho ao concurso do II Prêmio Cultural Sergio Motta⁽²⁾. A cena lembraria a música Sinal Fechado, de Paulinho da Viola. E entre um «Olá, como vai? Eu vou indo e você, tudo bem?... Me desculpe a pressa,... precisamos nos ver por aí... me telefona... pois é, quanto tempo...», ele me apresentou sua proposta de intervenções para o metrô de Porto Alegre.

Ao ouvi-lo, e vendo as imagens das simulações, fiquei duplamente contagiada: tanto pelo projeto em si, quanto pelo entusiasmo de Leandro. Num ímpeto, sem que nada de concreto houvesse, a não ser seu trabalho, propus-me a escrever um texto acerca do projeto, para uma publicação futura, se esta viesse a existir. Minha reação, um tanto inesperada, vinha muito da confiança e da euforia que ele demonstrava.

O resultado, sabemos todos nós: Leandro Selister ganhou o referido prêmio e teve aprovada a execução de seu projeto Cotidiano junto às estações e aos vagões do metrô de superfície Trensurb, que compreende o trajeto do Mercado Público, em Porto Alegre, até a estação Unisinos, na cidade de São Leopoldo.

Agora, já passada outra primavera e adentrando mais um verão, prazerosamente cumpro o efeito de minha reação, mas esclarecendo que a mesma também foi resultante da afinidade em relação ao tema e do tempo que tenho dedicado ao estudo das intervenções

¹ A realização do projeto Cotidiano, foi possível a partir da Bolsa Estímulo recebida no II Prêmio Cultural Sergio Motta, 2001. O trabalho foi executado nas 17 estações e vagões da Trensurb - Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A. em 2002.

² O Prêmio Cultural Sergio Motta foi instituído em 2000 pelo Instituto que leva o mesmo nome e tem o patrocínio do Governo do Estado de São Paulo. Visa incentivar a realização de trabalhos na área de Arte e Tecnologia.

urbanas. E, se iniciei recordando meu primeiro contato com o projeto Cotidiano, é porque ele me pareceu singular.

A Proposta

A intervenção direta em espaços públicos e que, de preferência, atinja o maior número de pessoas, tem seduzido Leandro Selister há tempos. O envolvimento com o público lhe serve de motivação constante, e isto também percebemos por meio do site [artewebbrasil](http://artewebbrasil.com.br)⁽³⁾, que ele co-dirige e que, prestes a completar três anos, chega a mais de três mil pessoas todos os meses. Muitas dessas pessoas, inclusive, são fontes do site, realimentando-o constantemente com informações, artigos e opiniões. Podemos, assim, constatar que sua atuação junto ao grande público está direcionada tanto ao espaço virtual - representado pela web - , como ao espaço concreto - no caso do metrô, da Trensurb. Ambos espaços são públicos e abertos, porém diferenciados, exigindo considerações distintas para cada usuário e para cada espaço em si. Como princípio básico, podemos considerar que o espaço público é, por essência, de acesso amplo e irrestrito.

Nas grandes metrópoles, é prática corrente a disponibilidade dos ambientes de metrô e, na verdade, isso vem ocorrendo desde a criação deste meio de transporte para intervenções artísticas. No entanto, deve-se ter presente que, tanto nestes locais como nos demais espaços do tecido urbano, as intervenções artísticas devem ocorrer sempre sob novas perspectivas, e não como mera transferência de obras do museu, por exemplo. Ainda em se tratando de espaços públicos, deve ser considerado que todo espaço já existente guarda sua memória, e que esta, quando ignorada, pode aflorar de maneira inesperada.

Leandro partiu exatamente deste ponto, da história antecedente e guardada na vivência dos usuários do metrô, em parte, esta motivação o levou a escolher, para suas intervenções, os vagões e as dezessete estações da Trensurb, cujo fluxo é de cerca de 140.000 passageiros por dia. Ele iniciou acompanhando, justamente, os hábitos mais corriqueiros dos usuários, desde a estação de partida até a de chegada. Para o artista era necessário conhecer como este grupo heterogêneo e anônimo vivenciava tais espaços. Estes aspectos seduziam Leandro sobremaneira, pois, potencialmente, os passageiros

³ Endereço na internet: www.artewebbrasil.com.br

estariam em contato com suas intervenções. E ele se perguntava: o que acontecia, a cada pessoa, durante o tempo do percurso e naquele território sem demarcações?

A primeira etapa do projeto, portanto, consistiu em captar as imagens por meio de um equipamento fotográfico digital. Para obtê-las, Leandro percorreu todas as estações, em diferentes momentos, registrando as mais diversas situações: desde as corriqueiras, anódinas e jocosas, passando pelas que mesclavam esperanças e desamparo, até as que marcam a vida de todo e qualquer ser - não esquecendo de que estas emoções são tecidas e sustentadas, em parte, pelo ritmo acelerado, pelo tempo reduzido e concentrado das atuais condições de urgência que nos impõe o mundo atual. Essas circunstâncias e conjunturas variadas foram exibidas sem dissimulação: cenas de um simples telefonema, alguém sentado em um banco, o envolvimento de namorados, a leitura descansada, a compra do bilhete ou, ainda, o aguardo por uma quase eternidade, que é o tempo emocional da espera.

Foram também assinalados os gestos automáticos dos que chegam para o trabalho ou dele retornam e que são praticamente os mesmos, para todos, todos os dias. No caso específico do metrô da Trensurb, em um diagnóstico empírico, é possível situar a grande maioria de seus passageiros como assíduos usuários, que cumprem, geralmente, o trajeto casa-trabalho-casa, ou casa-escola ⁽⁴⁾ - casa, válido tanto no sentido capital-interior como inversamente.

Assim, partindo das observações acerca do usuário do metrô, Leandro elegeu a figura humana, quase sempre em escala natural, como elemento básico de seu trabalho. As imagens, depois de trabalhadas e reproduzidas em plotter de recorte, foram devolvidas ao espaço de origem, sob a forma de colagens em adesivo preto. No procedimento prático, no momento da aplicação dos adesivos, são exigidas precisão com os pequenos recortes e também uma boa dose de paciência - qualidades que Leandro sempre demonstrou ter.

Já a seleção e distribuição das imagens obedeceu a um mesmo procedimento meticuloso, por meio de anotações em um caderno, onde ao lado de cada imagem impressa em tamanho reduzido, o artista indicava o local específico de sua aplicação.

⁴ Devemos lembrar que, no percurso desta linha de metrô, há duas grandes universidades: a ULBRA, Universidade Luterana do Brasil, e a UNISINOS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Entretanto, na busca de espaços mais adequados a poses pouco convencionais, algumas imagens sofreram deslocamentos, como é o caso das pernas aplicadas na escada rolante, ou da que referencia um rapaz sentado, desta vez suspensa no vidro transparente.

Muitas dessas figuras suscitam, de fato, encantamento, como aquelas afixadas junto à estação Aeroporto, em que Leandro tira partido da exagerada altura do pé direito externo para prender uma imagem em atitude até displicente, de quase cinco metros de altura. A figura é visível também do lado externo da estação, sendo percebida pelos que circulam na autovia. As grandes superfícies pretas e recortadas de longe se destacam, mas também neutralizam, em parte, o colorido vicejante dos suportes no qual estão fixadas.

Estas imagens, todavia, não constituem apenas registros distantes e neutros. Leandro, entre tantos gestos e sinais, captou aqueles que se constituíam em códigos para os usuários. Desta forma, estabeleceu-se uma dupla relação: uma a partir do olhar do artista e outra, pela projeção, ainda que de forma velada, dos desejos dos usuários.

A Surpresa

Podemos, então, imaginar o efeito causado por essas imagens quando, numa segunda-feira, ainda dominados pelas lembranças do domingo, os usuários do metrô se depararam com outros «passageiros», que não apenas haviam se adiantado a eles, como também tomado seus lugares nos bancos, na bilheteria, nos corredores, nas filas... Vários desses novos passageiros até poderiam estar dispostos a um diálogo, mas restava saber quem faria o gesto inicial. Por que aquelas figuras estariam ali? O que queriam? O que iriam pedir, tomar ou impor? E quantas outras perguntas que não devem ter ficado sem possibilidade de resposta...

Seja qual tenha sido o primeiro efeito, este certamente não foi de indiferença. O impacto se fez. Múltiplas foram as reações. Surpresa maior, porém, foi perceber que o indivíduo ali fixado, seja por meio do seu gesto, da sua roupa, da sua expressão, do lugar assumido, poderia ser identificado com qualquer passageiro e até com o próprio observador. Assim, quando se passou a perceber que as imagens ali colocadas referenciavam a própria vivência daquele ambiente, várias respostas começaram a florir, mesmo exigindo tempos diferenciados.

No período de dez dias, foram afixadas as 130 imagens, distribuídas em todas as estações e em diversos vagões, o que, de certa forma, condicionou os usuários a procurar os «novos passageiros» cada vez que entravam no metrô. Desde a estação do Mercado Público, eram perceptíveis os olhares indagadores e admirados de todos. Aos poucos, portanto, a convivência se fazia, permanecendo, a cada estação, a expectativa de novas descobertas.

Relatos

Os relatos espontâneos são múltiplos. Os primeiros conservaram ainda o sabor do imprevisto, do susto para alguns, da indagação para outros. Mas houve também os que, mesmo sem conhecer as razões da «invasão», de imediato aceitaram o inesperado. Entrevistados, alguns diziam não se sentir mais «sozinhos, pois agora tinham companhia» em seu percurso. Entre os próprios funcionários, alguns foram «enganados». Um deles relatou sua preocupação ao perceber que alguém ficara retido em um vagão quando o mesmo estava sendo recolhido e, numa atitude profissional, interrompeu o trajeto do trem, fazendo-o parar para efetuar a verificação. Também havia, e ainda há, um telefone público que permanece continuamente ocupado, por um rapaz que não o libera.

Hoje, passado quase um ano das intervenções, ainda se constata manifestações relacionadas a estes «invasores», e algumas se distanciam de uma atitude intencional e consciente. Observamos, por exemplo, que tendo espaços disponíveis, as pessoas escolhem os lugares que não estão «ocupados» pelas imagens e, só em última instância, sentam-se sobre as mesmas. Uma senhora, ao escolher seu lugar, afastou-se do casal de namorados colados junto ao banco. Seria por inibição ou para não incomodá-los? Haveria ainda outras razões? Essas reações demonstram que, na prática cotidiana, em gestos muitas vezes não percebidos, permanece subjacente o forte poder simbólico da imagem humana. Mesmo sem ter identificação com qualquer personagem, esta guarda o lugar de uma presença.

O Lugar

Dentro do projeto Cotidiano, Leandro Selister expressa o desejo de surpreender os passantes para levá-los a olhar seu espaço, seu entorno, conscientizando-os de seus gestos e de seus corpos que, na maioria das vezes, estão amortecidos, sem, entretanto,

direcionar quaisquer tipos de caminhos ou de críticas. O artista propõe esta mobilização do olhar por meio do diálogo amigável, do diálogo que significa retorno e que até pode conter certa tensão, mas esta também faz parte do jogo. Leandro dirige este convite, portanto, aos que caminham e cruzam as estações apressadamente, para que se reencontrem naqueles gestos e cenas.

Podemos igualmente interpretar que a necessidade de deslocamento exigida para transportar o passageiro de um espaço a outro corresponde metaforicamente ao deslocamento de uma situação a outra, associada à descoberta de um novo olhar.

Sob o efêmero

Vivemos, atualmente, as consequências da construção de um tempo delineado pela urgência, não mais dimensionado pela durabilidade, pela permanência, pela projeção em um futuro inalcançável. Estamos sob o domínio do fugaz, do imediato, do transitório. Assim, é justificável que os artistas incorporem estes princípios, sobretudo nas obras que dialogam e interferem no espaço público. E, neste sentido, o projeto Cotidiano já nasceu sob o domínio do efêmero. Enquanto intervenção, é finito, com um tempo restrito de duração. As imagens que o integram estão nesta mesma situação, pois, de uma parte, têm seu tempo de duração pré-determinado pela resistência física do material, estando também sujeitas às ações espontâneas dos usuários, o que pode resultar na eliminação integral ou parcial das mesmas. Há, porém, em sua proposta conceitual, a explícita intenção de finitude, uma vez que, para o artista, as intervenções devem permanecer enquanto guardam sua força ativa, o que não é medido por um tempo cronológico, mas perceptivo. Segundo observações do próprio Leandro, há uma certa cumplicidade dos passantes, expressa em um zelo para com as obras ali presentes. Esta relação se faz tacitamente, pois não há, em nenhum lugar ao longo dos espaços do metrô, referências à presença do trabalho, como também nenhum cartaz, lembrete ou indicativo proibindo que se toque nas intervenções.

Desde as últimas décadas do século XX, as intervenções em espaços urbanos não apenas têm acompanhado, como também interferido em mudanças conceituais que motivaram relações mais diretas entre a obra e o público.

É com esta intenção que muitos artistas se dirigem a esses espaços, seja na cidade ou no metrô. Necessário destacar novamente que a arte no espaço urbano considera, além dos

condicionantes materiais e físicos do entorno, a memória, a história e a vida já existentes neste espaço. E Leandro Selister percebeu, com Cotidiano, que o envolvimento é possível. Mais: ele alcançou isso, possibilitando que os reais usuários do espaço participassem mesmo sem dar seu consentimento. De sua parte, o artista também se diz envolvido e seduzido pelas reações constatadas durante a execução do projeto e que, de certa maneira, permanecem até hoje.

Toda a intervenção artística no espaço público traz uma dose de imposição, pois se faz, muitas vezes, em lugares inesperados e sem pedir licença aos que com ela partilham da mesma trama urbana, tanto material quanto conceitual. E, como sabemos, a arte no espaço público, que se impõe aos passantes, não é, obrigatoriamente, aceita pelos mesmos. Exemplos deste tipo de impasse, inclusive envolvendo artistas renomados, já se tornaram paradigmáticos na história da arte contemporânea. A não aceitação, por parte do público, é evidenciada pela indiferença imposta à obra, tornando-a invisível, nula, sem efeito, como se a mesma não existisse. As intervenções de Leandro Selister se afirmam, justamente, ao procurar estabelecer uma convivência amigável com seus companheiros de viagem. Por esta razão destacamos a receptividade dos transeuntes para com a proposta Cotidiano, uma vez que é o próprio público que a motivou e que a faz existir.

O projeto Cotidiano - nas intervenções - provocou o olhar descobridor dos passageiros, e aqui, neste livro, talvez todos possam encontrar indicativos de porque essas imagens permanecerão percorrendo outros olhares e outros tempos.

O artista

Até o momento, acompanhamos todo o processo das intervenções realizadas nos espaços da Trensurb. Agora cabe apresentar alguns indicativos sobre o percurso artístico de Leandro Selister, o que também elucida seu direcionamento na escolha do espaço e sua opção pelo grande público.

Passando por várias linguagens, foi com a fotografia que de imediato ele estabeleceu afinidades e, por mais de uma década, tem dedicado suas investigações. Há cerca de dois anos, foi a descoberta - o encontro mágico - da câmera digital que mudou radicalmente sua postura. Leandro viu-se, então, subitamente seduzido pelas potencialidades deste novo universo, que sinalizou a construção de uma nova, pessoal e

também radical poética. Sob este aspecto, podemos dizer que ele está perfeitamente integrado aos repertórios contemporâneos, e esta escolha indica o rompimento de muitas barreiras puristas e, por vezes, limitadoras.

Isso é demonstrado em seus trabalhos mais recentes, como as intervenções que o artista vem realizando nos prédios e equipamentos que integram os campi da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dentro da série Coisas Essenciais da Vida, em que Leandro consegue estabelecer com o público uma relação de troca real, concreta e muitas vezes transformadora.

* **Blanca Brites** - Doutora em História da Arte, professora de História da Arte junto ao Departamento de Artes Visuais e junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte.